

**DENNIS
LEHANE**

M Y S T I C R I V E R

**SOBRE
MENINOS
E LOBOS**

Tradução

LUCIANO VIEIRA MACHADO

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2001 by DENNIS LEHANE

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

MYSTIC RIVER

Capa

KIKO FARKAS / MÁQUINA ESTÚDIO
ADRIANO GUARNIERI / MÁQUINA ESTÚDIO

Preparação

BETI KAPHAN

Revisão

GABRIELA MORANDINI
JULIANE KAORI

Atualização ortográfica

VERBA EDITORIAL

Os personagens e situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e sobre eles não emitem opinião.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lehane, Dennis

Sobre meninos e lobos / Dennis Lehane ; tradução Luciano Vieira Machado. — 2^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Mystic River.
ISBN 978-85-359-2105-2

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana)
2. Romance norte-americano I. Título.

12-04317

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana
813.0872

2012

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

I

Os meninos que escaparam
dos lobos (1975)

1. Os do Point e os dos Flats

Quando Sean Devine e Jimmy Marcus eram crianças, seus pais trabalhavam juntos na Fábrica de Doces Coleman e levavam o forte cheiro de chocolate quente junto com eles para casa. Um cheiro que se tornou uma característica permanente de suas roupas, das camas em que dormiam, dos encostos de vinil dos assentos de seus carros. A cozinha de Sean cheirava a creme de chocolate, o banheiro, a caramelo. Lá pelos onze anos de idade, Sean e Jimmy tinham desenvolvido tamanha aversão a doces que nunca comiam sobremesa e pelo resto de suas vidas não haveriam mais de colocar açúcar no café.

Aos sábados, o pai de Jimmy costumava ir à casa dos Devine para tomar uma cerveja com o pai de Sean. Jimmy também ia com ele e, enquanto uma cerveja virava seis — às quais vinham se acrescentar duas ou três doses de Dewar —, Jimmy e Sean ficavam brincando no quintal, às vezes com Dave Boyle, um menino com punhos frágeis de menina e vista fraca, que passava o tempo todo contando piadas aprendidas com os tios. Através da tela da janela da cozinha, eles podiam ouvir o chiado das latas de cerveja sendo abertas, súbitas gargalhadas e o ruído seco dos isqueiros Zippo, quando o senhor Devine e o senhor Marcus acendiam seus Lucky Strike.

Dos dois, quem tinha o melhor emprego era o pai de Sean, um contramestre. Ele era alto, loiro e tinha um riso aberto e fácil, que Sean vira não poucas vezes acalmar a raiva de sua mãe, como se de repente um interruptor fosse desligado dentro dela. O pai de Jimmy carregava os caminhões. Ele era baixo, tinha cabelos escuros, que lhe caíam profusamente sobre a testa, e alguma coisa em seus olhos parecia agitar-se o tempo todo. Deslocava-se de forma excessivamente rápida; você piscava os olhos e ele já estava do outro lado da sala. Dave Boyle não tinha pai, apenas um monte de tios. A única razão pela qual participava daqueles encontros de sábado era sua capacidade de grudar-se a Jimmy feito um esparadrapo; ele o via sair de casa com o pai e surgia de repente junto ao carro com um “E aí, Jimmy?” num tom triste e esperançoso.

Todos eles moravam em East Buckingham, a oeste do centro da cidade, um bairro com mercearias acanhadas, parquinhos e açougués onde pedaços de carne

ainda róseos de sangue eram mostrados nos balcões. Os bares tinham nomes irlandeses e Dodge Darts estacionados na porta. As mulheres atavam os cabelos com lenços e usavam bolsas de imitação de couro nas quais carregavam seus cígarros. Até uns dois ou três anos antes, os meninos mais velhos eram arrebatados das ruas, como se por espaçonaves, e mandados para a guerra. Eles voltavam vazios e taciturnos cerca de um ano mais tarde, ou então simplesmente não voltavam. De dia, as mães procuravam cupons de desconto nos jornais. De noite, os pais iam para os bares. Todos se conheciam; ninguém, exceto aqueles meninos mais velhos, ia embora dali.

Jimmy e Dave eram dos Flats, perto do Penitentiary Channel, no lado sul da Buckingham Avenue. Os Flats ficavam a apenas doze quarteirões da rua de Sean, mas os Devine moravam no lado norte da mesma avenida, em plena zona do Point. Ora, as pessoas do Point e as dos Flats não se misturavam muito.

Não que o Point reluzisse com ruas douradas e se fizesse notar por colheres de prata. Era simplesmente o Point, classe operária, gente que dava duro, Chevys, Fords e Dodges parados em frente a casas bem simples; aqui e ali, uma pequena em estilo vitoriano. Mas as pessoas do Point eram donas dos imóveis, enquanto as dos Flats moravam de aluguel. As famílias do Point iam à igreja, se reuniam, agitavam cartazes nas esquinas durante as campanhas eleitorais. Já os habitantes dos Flats, sabe-se lá como se viravam, vivendo às vezes como animais, dez num apartamento, espalhando lixo nas ruas do bairro — Lixolândia, era como Sean e seus amigos o chamavam, famílias vivendo de donativos do Estado, mandando os filhos para as escolas públicas, divorciando-se. Assim, enquanto Sean ia à escola paroquial Saint Mike, trajando calças pretas, gravata preta e camisa azul, Jimmy e Dave iam para a escola Lewis M. Dewey, na Blaxston Street. As crianças do Looey & Dooey podiam usar roupas normais, o que era *cool*, mas em geral elas usavam as mesmas durante quatro de cada cinco dias, o que não era *cool*. Elas tinham uma aura de sujeira ensebada — cabelos ensebados, pele ensebada, colarinhos e punhos ensebados. Muitos meninos tinham a pele coberta de acne, e logo abandonavam a escola. Algumas meninas terminavam o curso secundário usando roupas de gestante.

Assim, se não fosse por seus pais, eles nunca iriam ser amigos. Durante a semana nunca se encontravam, mas eles tinham aqueles sábados, e havia alguma coisa naqueles dias, quer fossem para o quintal, quer ficassem vagando pelos montes de cascalho da Harvest Street, ou pegassem o metrô e fossem ao centro da cidade — não para ver alguma coisa, mas para passar pelos túneis escuros e ouvir o estrépito e o chiado dos freios dos vagões, quando estes passavam nas curvas e as luzes piscavam —, que parecia tirar o fôlego de Sean. Quando se estava com Jimmy, qualquer coisa podia acontecer. Se Jimmy tinha consciência de que havia regras — no metrô, nas ruas, no cinema —, nunca dava mostras disso.

Certa vez, quando eles se encontravam na plataforma da South Station, brincando de hóquei de rua com uma bola cor de laranja, Jimmy não conseguiu pegar o arremesso feito por Sean, e ela caiu entre os trilhos. Antes que ocorresse a Sean

que Jimmy sequer poderia pensar em fazer aquilo, este já tinha pulado da plataforma para os trilhos, para junto dos camundongos, dos ratos e do trilho condutor.

As pessoas que estavam na plataforma ficaram loucas. Elas gritaram para Jimmy. Uma mulher, o rosto cinza, ajoelhada no chão, berrava: “Suba de volta, volte para cá *agora*, diabo!”. Sean ouviu um ruído forte, que podia ser o de um trem entrando no túnel na altura da Washington Street, ou de caminhões passando pela rua de cima, e as pessoas que estavam na plataforma também ouviram. Elas agitavam os braços, olhavam em volta procurando os guardas do metrô. Um homem cobriu os olhos da filha com a mão.

Jimmy mantinha a cabeça baixa, perscrutando a escuridão sob a plataforma para achar a bola. Ele a achou, limpou uma sujeira qualquer com a manga da camisa, e ignorou as pessoas ajoelhadas na faixa amarela estendendo as mãos em direção aos trilhos.

Dave cutucou Sean e disse bem alto: “Uau!”.

Jimmy foi andando entre os trilhos até as escadas na ponta da plataforma, onde o túnel abria sua bocarra negra, enquanto um ruído ainda mais forte sacudia a estação, e as pessoas agora literalmente *pulavam*, batendo os punhos nos quadris. Jimmy ia andando sem a menor pressa, como num passeio, e a certa altura olhou por sobre os ombros. Seu olhar cruzou com o de Sean, e ele abriu um largo sorriso.

Dave disse: “E ainda por cima ele dá risada. Está totalmente pirado, você não acha?”.

Quando Jimmy chegou ao primeiro degrau da escada de cimento, várias mãos se abaixaram e puxaram-no para cima. Sean viu as pernas do amigo pendarem para a esquerda, enquanto a cabeça tombava à direita; ele parecia muito pequeno e leve — como se fosse recheado de palha — nas mãos de um homem forte, mas continuou apertando a bola contra o peito, mesmo quando as pessoas o agarraram pelo braço e suas canelas bateram com força na borda da plataforma. Sean sentia Dave tremer ao seu lado, inquieto, perdido. Sean olhou para o rosto das pessoas que puxavam Jimmy para cima e já não via preocupação ou medo, não via nada daquele desespero de um minuto antes. Ele via raiva, faces monstruosas, rostos crispados e enfurecidos, como se as pessoas fossem deitar Jimmy no chão, arrancar-lhe um pedaço e espancá-lo até a morte.

Eles puseram Jimmy na plataforma e continuaram segurando-o, dedos agarados aos seus ombros, enquanto olhavam em volta procurando alguém que lhes dissesse o que deviam fazer. O trem irrompeu no túnel, e alguém gritou, mas então um outro deu uma gargalhada — um cacarejo agudo que fez Sean pensar em bruxas dançando em volta de um caldeirão — porque o trem passava pelo outro lado da estação, indo em direção norte, e Jimmy olhou para os rostos das pessoas que o seguravam como se dissesse: “*Estão vendos?*”.

Ao lado de Sean, Dave deu sua risada aguda e vomitou nas próprias mãos.

Sean desviou o olhar, perguntando-se o que ele tinha a ver com tudo aquilo.

* * *

Naquela noite o pai de Sean levou-o para a pequena oficina no porão. A oficina era um lugar estreito, com tornos de bancada pretos e latas de café cheias de pregos e parafusos, madeira empilhada embaixo do balcão cheio de marcas, que dividia a peça em duas, martelos pendendo de cintos de carpinteiro feito pistolas em coldres, e uma serra de fita pendurada num gancho. O pai de Sean, que muitas vezes fazia trabalhos variados nas redondezas, ia lá para construir seus viveiros de aves e as prateleiras que colocava nas janelas, para as flores de sua mulher. Ali ele tinha projetado a varanda do fundo, uma coisa que ele e seus amigos construíram rapidamente num verão escaldante, quando Sean tinha cinco anos. Ele descia para lá quando queria paz e tranquilidade, ou quando estava com raiva — Sean o sabia —, com raiva de Sean, de sua mãe ou do trabalho. Os viveiros — em estilos Tudor, colonial, vitoriano e em forma de chalés suíços — terminaram ficando empilhados num canto do porão; eram tantos que era preciso morar na Amazônia para encontrar pássaros suficientes para ocupar todos eles.

Sean sentou-se no velho banco vermelho e ficou mexendo no sólido torno preto, sentindo o óleo e serragem misturados ali dentro, e então seu pai disse: “Sean, quantas vezes vou ter que lhe dizer isso?”.

Sean tirou o dedo, limpou a graxa na palma da mão.

Seu pai recolheu alguns pregos espalhados no balcão e os colocou numa lata amarela. “Eu sei que você gosta de Jimmy Marcus, mas se vocês dois quiserem brincar juntos, vão ter que fazer isso perto de casa. Da nossa casa, não da dele.”

Sean balançou a cabeça. Não adiantava nada discutir com o pai quando ele falava com calma e devagar, como o fazia agora, cada palavra saindo de sua boca como se amarrada a uma pedra.

“Estamos entendidos?” O pai empurrou a lata amarela para sua direita e o fitou.

Sean fez que sim com a cabeça. Ele ficou olhando o pai esfregar as pontas dos dedos para limpar a serragem que ficara colada nas pontas.

“Por quanto tempo?”

Seu pai se pôs na ponta dos pés e tirou um pouquinho de pó de um gancho fixado no teto. Ele manteve a sujeira entre os dedos por um instante, depois a deixou cair na lata de lixo sob o balcão. “Ah, por um bom tempo eu diria. Sabe, Sean?”

“O quê, pai?”

“Nem pense em ir falar com sua mãe sobre ele. Depois da proeza de hoje, ela quer que você nunca mais o encontre.”

“Ele não é uma má pessoa. Ele é...”

“Não diga o que ele é. É simplesmente um selvagem, e sua mãe já se cansou disso em sua vida.”

Sean viu um certo brilho no rosto do pai quando ele disse “selvagem”, e sabia

que naquele instante estava vendo o outro Billy Devine, aquele que Sean fora reconstituindo a partir de fiapos de conversas entreouvidas de tias e tios. O Velho Billy — era como o chamavam —, o “brigão”, disse certa vez tio Colm com um sorriso, o Billy Devine que desapareceu pouco antes de Sean nascer, sendo substituído por esse homem calmo e cuidadoso, com dedos grossos e ágeis, que construía viveiros demais.

“Lembre-se do que conversamos”, disse o pai, e deu um tapinha no ombro de Sean, dispensando-o.

Sean saiu da oficina e foi andando pelo porão frio, se perguntando se o que o fazia gostar da companhia de Jimmy era a mesma coisa que fazia seu pai ficar com o sr. Marcus, varando a noite de sábado para domingo, bebendo, gargalhando, e se era isso que sua mãe temia.

Alguns sábados depois, Jimmy e Dave Boyle chegaram à casa dos Devine, sem o pai de Jimmy. Eles bateram na porta de trás, quando Sean estava acabando de tomar café, e este ouviu sua mãe abrir a porta e dizer: “Bom dia, Jimmy. Bom dia, Dave”, naquele tom polido que ela adotava para as pessoas que não eram muito bem-vindas.

Jimmy estava calmo naquele dia. Toda aquela louca energia parecia ter se enovelado dentro dele. Sean quase a sentia batendo contra as paredes do peito de Jimmy, enquanto este fazia força para dominá-la. Jimmy parecia menor, mais sombrio, como se estivesse pronto a explodir por qualquer coisinha. Sean tinha visto aquilo antes, Jimmy sempre fora meio aluado. Contudo aquele jeito sempre impressionava Sean, fazia com que se perguntasse se Jimmy tinha algum controle sobre aquelas mudanças de humor ou se elas surgiam como as dores de garganta, ou como os primos de sua mãe — simplesmente apareciam, quer se gostasse, quer não.

Dave Boyle ficava quase insuportável quando Jimmy estava daquele jeito. Dave Boyle parecia pensar que tinha a obrigação de fazer com que todo mundo se sentisse feliz, o que em geral simplesmente irritava as pessoas depois de algum tempo.

Enquanto os dois permaneciam de pé na calçada, tentando decidir o que fazer, Jimmy fechado em copas e Sean ainda acordando, os três preocupados com o dia que tinham diante de si mas que não podia ir além da rua de Sean, Dave disse: “Ei, por que é que os cachorros lambem os colhões?”.

Nem Sean nem Jimmy se deram ao trabalho de responder. Eles já tinham ouvido aquela piada umas mil vezes.

“Porque eles conseguem!”, disse Dave Boyle às gargalhadas, pondo a mão na barriga como se a coisa fosse engraçada de doer.

Jimmy andou em direção aos cavaletes que se encontravam no lugar em que os empregados da prefeitura tinham estado reparando vários trechos de calçada. Os operários tinham amarrado várias fitas de isolamento com a indicação de

CUIDADO entre os quatro cavaletes da barreira protetora, mas Jimmy as rompeu ao passar por entre eles. Ele se agachou à beira do cimento ainda fresco, os tênis na calçada antiga, e usou um galhinho para desenhar linhas finas, que Sean achou parecidas com os dedos de um velho.

“Meu pai não trabalha mais com o seu”, disse Jimmy.

“Como assim?” Sean se agachou ao lado de Jimmy. Ele não estava com um pauzinho, mas gostaria de estar com um. Ele queria fazer o que Jimmy estava fazendo, ainda que não soubesse por quê, e ainda que seu pai lhe desse uma surra se ele o fizesse.

Jimmy deu de ombros. “Ele era mais vivo do que eles. Tinham medo dele porque ele sabia de muitas coisas.”

“Muitas coisas inteligentes!”, disse Dave Boyle. “Certo, Jimmy?”

Certo, Jimmy? Certo, Jimmy? Tinha dias que Dave parecia um papagaio.

Sean se perguntava o que tanto havia para saber em matéria de doces, e por que esse conhecimento era tão importante. “Que tipo de coisa?”

“Como tocar melhor o negócio.” Jimmy não parecia muito seguro do que dizia e então sacudiu os ombros. “Coisas, ora. Coisas superimportantes.”

“Ah.”

“Como tocar o negócio. Certo, Jimmy?”

Jimmy cavou um pouco mais o cimento. Dave Boyle encontrou um graveto, inclinou-se sobre o cimento mole e começou a desenhar um círculo. Jimmy fechou a cara e jogou seu galho fora. Dave parou de desenhar, olhou para Jimmy como quem perguntasse: “O que foi que eu fiz?”.

“Sabe o que ia ser legal?” A voz de Jimmy mostrava aquela ligeira elevação de tom que fazia Sean estremecer, provavelmente porque a ideia que Jimmy tinha de legal costumava ser diferente da de qualquer outra pessoa.

“O quê?”

“Dirigir um carro.”

“É”, disse Sean devagar.

“Sabe?” Jimmy levantou as mãos — o galho e o cimento já esquecidos. “Só aqui pelo quarteirão mesmo.”

“Só aqui pelo quarteirão”, disse Sean.

“Ia ser legal, não ia?”, disse Jimmy com um riso.

Sean sentiu um sorriso espalhar-se pelo próprio rosto. “Ia ser legal.”

“Ia ser melhor que qualquer outra coisa.” Jimmy deu um salto de uns trinta centímetros de altura. Ele fitou Sean, ergueu as sobrancelhas e pulou novamente.

“Ia ser legal.” Sean já estava sentindo o volante grande em suas mãos.

“Sim, sim, sim”, repetia Jimmy, socando os ombros de Sean.

“Sim, sim, sim”, fez Sean, socando os ombros de Jimmy, alguma coisa agitando-se dentro dele, disparando, tudo se tornando mais rápido e brilhante.

“Sim, sim, sim”, disse Dave, mas seu soco não acertou o ombro de Jimmy.

Por um instante, Sean chegara a esquecer que Dave estava ali. Aquilo era muito comum, quando se tratava de Dave. Sean não sabia por quê.

“Sério pra cacete, legal pra cacete.” Jimmy riu e pulou novamente.

E Sean sentiu que a coisa já estava começando. Eles estavam no banco da frente (Dave no banco de trás, se é que estava presente) e andando, dois meninos de onze anos rodando por Buckingham, tocando a buzina para os amigos, tirando racha com os caras mais velhos da Dunboy Avenue, os pneus cantando e deixando marcas no chão em meio a nuvens de fumaça. Já sentia o vento entrando pela janela do carro, soprando em seus cabelos.

Jimmy olhou para a rua. “Você conhece alguém aqui da rua que deixa as chaves dentro do carro?”

Sean conhecia. O sr. Griffin as deixava embaixo do banco, Dotte Fiore no porta-luvas, e o velho Makowski, o bêbado que ouvia discos de Sinatra alto demais, dia e noite sem parar, quase sempre as deixava na ignição.

Mas no momento em que acompanhava o olhar de Jimmy localizando os carros que ele sabia estar com as chaves, Sean sentiu uma forte dor atrás das órbitas, e, na ofuscante luz do sol refletida pelos capôs e bagageiros, ele podia sentir o peso da rua, de suas casas, de todo o bairro e daquilo que esperavam dele. Ele não era um menino que roubava carros. Ele era um menino que algum dia iria para a faculdade, iria ser mais que um mero contramestre ou carregador de caminhão. Esse era o projeto, e Sean achava que projetos dão certo se você age com cautela e com prudência. Era como ficar vendo um filme, por mais confuso e chato que fosse, até o final. Porque às vezes, no final, tudo se explicava ou então o desfecho era tão legal que justificava o tempo gasto com a parte chata.

Ele quase disse isso a Jimmy, mas Jimmy já estava andando pela rua, olhando pelas janelas dos carros, com Dave correndo ao seu lado.

“Que tal esse?”, disse Jimmy pondo a mão no Bel Air do sr. Carlton, e sua voz soou alta no ar agitado por um vento seco.

“Ei, Jimmy”, disse Sean andando em direção a ele. “Talvez uma outra vez, certo?”

O rosto de Jimmy escureceu, parecendo afinar. “O que você quer dizer? Vamos fazer isso. Vai ser divertido. A gente acabou de dizer que vai ser legal pra cacete, não lembra?”

“Legal pra cacete”, disse Dave.

“A gente não consegue nem enxergar por cima do painel.”

“Listas telefônicas”, disse Jimmy sorrindo à luz do sol. “A gente pega em sua casa.”

“Listas telefônicas”, disse Dave. “Isso mesmo!”

Sean estendeu o braço. “Não. Vamos embora.”

O sorriso de Jimmy morreu. Ele olhou para os braços de Sean como se quisesse cortá-los na altura dos cotovelos. “Por que você não quer fazer uma coisa só para se divertir, hein?” Ele puxou a maçaneta do Bel Air, mas a porta estava trancada. Por um segundo as faces de Jimmy estremeceram, o lábio inferior tremeu, e então ele olhou para o rosto de Sean, com uma tal expressão de solidão que Sean ficou com pena.

Dave olhou para Jimmy, depois para Sean. Ele avançou o braço timidamente e deu um soco no ombro de Sean. “É, por que você não gosta de fazer coisas divertidas?”

Sean não podia acreditar que Dave batera nele. Dave.

Ele esmurrou o peito de Dave, e este caiu sentado.

Jimmy empurrou Sean. “Que diabo você está fazendo?”

“Ele bateu em mim”, disse Sean.

“Ele não bateu em você”, disse Jimmy.

Os olhos de Sean se arregalaram, sem acreditar, e Jimmy imitou-lhe o gesto.

“Ele bateu em mim.”

“*Ele bateu em mim*”, disse Jimmy com voz de menina, e empurrou Sean novamente. “Ele é meu amigo, porra.”

“Eu também sou”, disse Sean.

“Eu também sou”, disse Jimmy. “Eu também sou, eu também sou, eu também sou.”

Dave Boyle levantou-se e sorriu.

“Para com isso”, disse Sean.

“Para com isso, para com isso, para com isso.” Jimmy empurrou Sean novamente, os nós dos dedos pressionando por entre suas costelas. “Vamos lá. Acabe comigo. Você quer acabar comigo?”

“Você quer acabar com ele?”, disse Dave empurrando Sean.

Sean não tinha nenhuma ideia de como aquilo acontecera. Ele nem conseguia lembrar-se do que enfurecera Jimmy ou por que Dave fora estúpido o bastante para bater nele. Um segundo antes eles estavam de pé, ao lado do carro. Agora estavam no meio da rua e Jimmy o empurrava, o rosto contorcido e mirrado, os olhos pretos e miúdos, e Dave começava a se aproximar deles.

“Vamos. Acabe comigo.”

“Eu não...”

Um outro empurrão. “Venha, menininha.”

“Jimmy, será que a gente não pode...”

“Não, não pode. Você é uma bichinha, Sean? Hein?”

Jimmy ia empurrá-lo novamente, mas parou, e aquela solidão feroz (e cansada — de repente Sean percebeu isso também) dominou suas feições quando ele dirigiu o olhar para além de Sean, para alguma coisa que vinha subindo a rua.

Era um carro marrom escuro, quadrado e comprido, do tipo usado pelos detetives da polícia, um Plymouth ou outro parecido; o para-choque parou perito de suas pernas e os dois policiais olharam para eles através do para-brisa, os rostos ensombrados pelas árvores refletidas no vidro.

Sean sentiu uma brusca mudança na atmosfera daquela manhã, que se tornara mais sombria.

O motorista saiu do carro. Ele tinha jeito de policial — cabelo loiro cortado rente, rosto vermelho, camisa branca, gravata de náilon preto e dourado, o barrigão se derramando por sobre a fivela do cinturão, feito um monte de panque-

cas. O outro parecia doente. Era magro, tinha um aspecto cansado, e ficou sentado dentro do carro, passando uma das mãos na cabeça por entre o cabelo preto oleoso, observando os meninos pelo espelho lateral à medida que se aproximavam da porta do motorista.

O corpulento fez sinal para que os meninos se aproximassesem, curvando o dedo em gancho, e apontando-o para o próprio peito, conservando-o naquela posição, até que eles se quedaram diante dele. “Deixem-me perguntar uma coisa a vocês, o.k.?” Ele se curvou sobre a barriga grande, e a cabeça enorme encheu todo o campo de visão de Sean. “Vocês acham certo, meninos, ficar brigando no meio da rua?”

Sean notou um distintivo dourado preso à fivela do cinturão, no quadril direito do corpulento.

“E então?” O policial pôs a mão em concha atrás da orelha.

“Não, senhor.”

“Não, senhor.”

“Não, senhor.”

“Um bando de delinquentes, hein? É isso que vocês são?” Ele fez um movimento brusco apontando o enorme polegar para o homem que estava no banco do passageiro. “Eu e meu parceiro já estamos cheios dos delinquentes de East Bucky, que amedrontam as pessoas decentes, afastando-as das ruas, sabem?”

Sean e Jimmy não disseram nada.

“Desculpe”, disse Dave Boyle, parecendo que ia chorar.

“Vocês são desta rua?”, perguntou o policial alto. Seus olhos escrutaram as casas do lado esquerdo da rua, como se ele conhecesse cada morador e pudesse apanhá-los na mentira.

“Sim”, disse Jimmy, e olhou, por sobre os ombros, em direção à casa de Sean.

“Sim, senhor”, disse Sean.

Dave não disse nada.

O policial baixou os olhos em sua direção. “Ahn? Você disse alguma coisa, garoto?”

“O quê?”, disse Dave olhando para Jimmy.

“Não olhe para ele. Olhe para mim.” O policial soprou ruidosamente pelas narinas. “Você mora aqui, garoto?”

“Ahn? Não.”

“Não?” O policial se inclinou sobre Dave. “Onde você mora, filho?”

“Na Rester Street.” Ainda olhando para Jimmy.

“A ralé dos Flats no Point?” Os lábios vermelhos cor de cereja se mexeram, como se estivesse chupando um pirulito. “Isso não pode ser boa coisa, pode?”

“Senhor?”

“Sua mãe está em casa?”

“Sim, senhor.” Uma lágrima escorreu pelo rosto de Dave; Sean e Jimmy desviaram o olhar.

“Bem, vamos ter uma conversa com ela, vamos lhe contar o que seu filhinho anda aprontando.”

“Eu não... eu não...”, choramingou Dave.

“Entre.” O policial abriu a porta de trás e Sean sentiu um cheiro de maçãs, um odor pungente de outubro.

Dave olhou para Jimmy.

“Entre”, disse o policial. “Ou você quer que lhe ponha algemas?”

“Eu...”

“*O quê?*” Agora o policial parecia furioso. Ele bateu no alto da porta aberta. “Entra aí, porra!”

Dave sentou-se no banco de trás, aos prantos.

O policial apontou um dedo grosso para Jimmy e Sean. “Vão contar à mãe de vocês o que vocês estavam aprontando. E tratem de evitar que eu os apanhe brigando de novo em minhas ruas, seus merdas.”

Jimmy e Sean recuaram, e o policial entrou no carro e foi embora. Eles o viram chegar à esquina e dobrar à direita, e viram também a cabeça de Dave, escurecida pela distância e pelas sombras, voltada para trás, olhando para eles. E então a rua ficou vazia novamente, parecendo ter emudecido com o barulho da porta do carro. Jimmy e Sean ficaram no lugar onde o carro parara, olhando para os pés, para os dois lados da rua, para qualquer lugar, menos um para o outro.

Sean sentiu aquela sensação de mudança súbita novamente, dessa vez acompanhada de um gosto de moeda suja na boca. Sentia como se sua barriga tivesse sido escavada com uma colher.

Então Jimmy falou:

“Foi você quem começou.”

“Foi ele quem começou.”

“Foi você. Agora ele está fodido. A mãe dele não bate bem da cabeça. Não dá nem para imaginar o que ela vai fazer vendo dois policiais acompanhando seu filho de volta para casa.”

“Não fui eu quem começou.”

Jimmy o empurrou, e dessa vez Sean revidou, e logo ambos estavam rolando no chão, esmurrando-se.

“Ei!”

Sean largou Jimmy e ambos se levantaram, esperando ver os dois policiais novamente, mas quem viram foi o sr. Devine, descendo a escadinha da entrada da casa, indo em direção a eles.

“Que diabo vocês estão fazendo?”

“Nada.”

“Nada.” O pai de Sean franziu o cenho ao chegar à calçada. “Saiam do meio da rua.”

Eles foram encontrá-lo na calçada.

“Antes havia três de vocês!” O sr. Devine olhou para a rua. “Onde está Dave?”

“O quê?”

“Dave.” O pai de Sean olhou para Sean e para Jimmy. “Dave não estava com vocês?”

“A gente estava brigando na rua.”

“O quê?”

“A gente estava brigando na rua, e vieram os policiais.”

“Quando foi isso?”

“Há uns cinco minutos.”

“Certo. Então os policiais vieram.”

“E eles pegaram Dave.”

O pai de Sean olhou para os dois lados da rua novamente. “Eles o quê? Eles o pegaram?”

“Para levar para a casa dele. Eu menti. Eu disse que morava aqui. Dave disse que morava nos Flats, e eles...”

“O que vocês estão me dizendo? Sean, como eram esses policiais?”

“Ahn?”

“Eles estavam de uniforme?”

“Não. Não, eles...”

“Então como vocês sabem que eles eram policiais?”

“Eu não sei. Eles...”

“Eles o quê?”

“Eles tinham um distintivo”, disse Jimmy. “No cinturão.”

“Que tipo de distintivo?”

“Dourado.”

“Certo. Mas o que ele dizia?”

“Dizia?”

“As palavras. Tinha palavras que vocês pudessem ler?”

“Não. Não sei.”

“Billy?”

Todos olharam para a mãe de Sean, de pé na varanda da casa, semelhante tenso, cheio de curiosidade.

“Querida, ligue para a delegacia de polícia. Pergunte se alguns policiais pegaram um menino nesta rua porque estava brigando.”

“Um menino?”

“Dave Boyle.”

“Oh, Jesus. Sua mãe.”

“Vamos esquecer isso por agora, o.k.? Vamos ver o que a polícia diz, certo?”

A mãe de Sean voltou para dentro de casa. Sean olhou para o pai. Parecia não saber onde enfiar as mãos. Ele as pôs nos bolsos, depois as tirou, esfregou-as nas calças. “Vou me ferrar”, disse ele baixinho, e olhou para o fim da rua como se Dave estivesse pairando na esquina, uma miragem dançante, bem diante de seu campo de visão.

“Era marrom”, disse Jimmy.

“O quê?”

“O carro. Era marrom-escuro. Parecido com um Plymouth, acho.”

“Mais alguma coisa?”

Sean tentou se lembrar, mas não conseguiu. A visão que tinha do carro era apenas a de alguma coisa que bloqueara sua visão, sem a penetrar. Essa coisa tinha tapado a visão do carro cor de laranja da sra. Ryan e da metade inferior de sua cerca, mas Sean não conseguia visualizar o carro em si.

“Tinha cheiro de maçã”, disse ele.

“O quê?”

“De maçã. O carro cheirava a maçã.”

“Ele cheirava a maçã”, falou o pai.

Uma hora depois, na cozinha de Sean, dois outros policiais faziam uma porção de perguntas a Sean e a Jimmy, e então um terceiro cara apareceu e fez alguns desenhos dos homens do carro marrom a partir das informações de Jimmy e de Sean. O policial loiro e grande parecia menor no bloco de desenho, o rosto até maior, mas fora isso era a cara dele. O segundo cara, o que ficara com os olhos presos no espelho retrovisor lateral, não se parecia com nada, na verdade, um borrão com cabelo preto, porque Sean e Jimmy não conseguiam se lembrar dele muito bem.

O pai de Jimmy apareceu e ficou de pé num canto da cozinha, parecendo perturbado e aturdido, o olho úmido, voltando-se de vez em quando, como se a parede atrás dele estivesse se movendo. Ele não falava com o pai de Sean, e ninguém lhe dirigia a palavra. Tolhido em sua natural capacidade de fazer movimentos bruscos, parecia menor do que Sean, de certa forma menos real; era como se fosse possível que se Sean desvisasse os olhos um instante, voltando a olhá-lo em seguida, ele tivesse se dissolvido no papel de parede.

Depois que eles repetiram as perguntas por três ou quatro vezes, todos se foram — os policiais, o cara que fez o desenho em seu bloco, Jimmy e o pai. A mãe de Sean foi para o quarto, fechou a porta, e Sean ouviu seu choro abafado alguns minutos depois.

Sean ficou sentado na varanda e seu pai lhe disse que não fizera nada errado, que ele e Jimmy tinham sido espertos de não entrar no carro. O pai lhe deu um tapinha no joelho e disse que as coisas iriam se resolver. Dave vai estar em casa ainda esta noite. Você vai ver.

Então o pai se calou. Bebericou sua cerveja e sentou-se com Sean, mas Sean percebeu que ele já se ensimesmara, quem sabe já se imaginasse no quarto de trás, com a esposa, ou lá embaixo no porão construindo seus viveiros de aves.

Sean ficou olhando as fileiras de carros na rua, seu brilho faiscante. Disse para si mesmo que aquilo — tudo aquilo — era parte de um plano que fazia sentido. Só que ele ainda não sabia qual era. Mas um dia iria saber. A adrenalina que circulava em seu corpo desde que pegaram Dave e que ele e Jimmy rolararam no chão finalmente irrompeu pelos seus poros, como se uma elusa se rompesse.

Via o lugar onde ele, Jimmy e Dave Boyle tinham brigado perto do Bel Air, e esperou que o vazio provocado pela saída da adrenalina de seu corpo voltasse a se encher. Ficou esperando, olhando a rua, ouvindo-lhe os ruídos e esperando mais um pouco, até o momento em que o pai se levantou e eles voltaram para dentro de casa.

Jimmy foi andando atrás do velho de volta para os Flats. O velho avançava fazendo um caminho um tanto sinuoso, fumando seus cigarros até a última pontinha e falando consigo mesmo em voz baixa. Quando chegassem em casa, seu pai podia lhe dar uma surra, como também podia não dar, era difícil saber. Depois que ele perdeu o emprego, disse a Jimmy que nunca mais voltasse à casa dos Devine, e Jimmy teria de pagar por ter desobedecido. Mas talvez não naquele dia. Seu pai estava naquela embriaguez sonolenta que o levaria a sentar-se à mesa da cozinha quando chegassem em casa, e a ficar bebendo até adormecer com a cabeça apoiada nos braços.

Jimmy mantinha-se alguns passos atrás dele, só por precaução, porém, e jogava a bola no ar, aparando-a com a luva de beisebol que roubara da casa de Sean, enquanto os policiais estavam se despedindo dos Devine. Ninguém dirigia uma palavra a Jimmy e a seu pai, quando os dois tomaram o corredor em direção ao hall para irem embora. A porta do quarto de Sean estava aberta, e Jimmy viu a luva no chão, envolvendo a bola. Foi até ela, pegou-a, depois ele e o pai saíram pela porta da frente. Não tinha ideia de por que roubara a luva. Não fora pelo brilho de orgulhosa surpresa que vira nos olhos do velho, quando ele a pegou. Foda-se isso. Foda-se ele.

Aquilo tinha algo a ver com o fato de Sean ter batido em Dave Boyle, e de ter se acovardado na hora de roubar o carro, e com outras coisas que aconteceram durante aquele ano de amizade entre os dois; tinha a ver também com a sensação de que tudo o que Sean lhe dava — postais de beisebol, meia barra de chocolate, o que fosse — vinha sempre em forma de esmola.

Logo que Jimmy pegou a luva e saiu com ela, sentiu-se eufórico. Ele se sentia o máximo. Um pouco depois, quando estavam cruzando a Buckingham Avenue, sentiu aquela vergonha e embaraço que sempre o assaltavam quando roubava alguma coisa, e raiva de quem quer que o tivesse feito agir daquela forma. Um pouco depois, quando iam andando pela Crescent Street, entrando nos Flats, sentiu uma vaga sensação de orgulho ao olhar para o edifício miserável de dois andares e, em seguida, para a luva em sua mão.

Jimmy pegou a luva e se sentiu mal com aquilo. Sean iria sentir falta dela. Jimmy pegou a luva e se sentiu bem com aquilo. Sean iria sentir falta dela.

Jimmy ficou observando o pai andar aos tropeços à sua frente, o sacana do velho parecendo que ia desabar e se transformar numa poça de água suja a qualquer segundo, e ele odiou Sean.

Ele odiava Sean e fora um tonto em pensar que os dois poderiam ser amigos, e iria guardar aquela luva pelo resto da vida, ter muito cuidado com ela, nunca

mostrá-la a ninguém, e nunca iria usar, nem uma vez, aquela coisa maldita. Preferia morrer.

Jimmy contemplou os Flats que se estendiam à sua frente, e, no momento em que ele e o velho andavam à sombra do elevado do trem, aproximando-se do ponto mais baixo da Crescent, onde os trens de carga passavam com um ruído surdo perto do velho drive-in caindo aos pedaços e ao lado do Penitentiary Channel, que ficava mais adiante, ele teve certeza — no mais fundo de seu peito — de que nunca mais veriam Dave Boyle. Onde Jimmy morava, na Rester Street, roubavam-se coisas o tempo todo. Roubaram a roda-gigante de brinquedo de Jimmy, quando ele tinha quatro anos, e sua bicicleta, quando tinha oito. O velho perdava um carro. E sua mãe passara a pôr a roupa para secar dentro de casa, depois que muitas peças tinham desaparecido do varal do quintal. Quando lhe roubam uma coisa, a sensação que você tem é diferente de quando você não sabe onde a colocou. Você sente, no fundo do peito, que ela nunca mais vai voltar. Era isso que ele estava sentindo em relação a Dave. Talvez Sean, naquele mesmo instante, estivesse sentindo a mesma coisa em relação a sua luva de beisebol, de pé, no lugar vazio antes ocupado pela luva, e sabendo, independentemente de qualquer lógica, que ela nunca mais voltaria.

Aquilo era muito ruim, porque ele gostava de Dave, embora quase sempre não soubesse por quê. Era alguma coisa que havia com o garoto, talvez o fato de ter estado sempre por perto, embora boa parte do tempo não se notasse a sua presença.